

## **Dr. Dave Mathewson, Hermenêutica, Aula 14, Crítica Estrutural e Retórica**

**© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt**

Tudo bem, o tópico principal que temos discutido em relação à hermenêutica e à interpretação bíblica tem sido as abordagens centradas no texto. Observamos como a hermenêutica, a teoria hermenêutica e os métodos de interpretação passaram de abordagens mais historicamente orientadas que focavam na história por trás do texto, na intenção do autor, nas fontes e formas que deram origem ao texto ou no autor utilizado no texto e focaram na intenção do autor como o principal determinante do significado nas abordagens centradas no autor. Dadas algumas das questões levantadas por tal abordagem, histórica e logicamente, o foco mudou para abordagens literárias ou abordagens centradas no texto.

E então olhamos um pouco para a crítica literária, o formalismo e também olhamos especificamente para a crítica narrativa e o que é isso e o que faz e como isso pode ser útil na interpretação do texto bíblico. Quero continuar examinando mais duas, brevemente, duas abordagens de interpretação mais centradas no texto, aquelas que não o fazem, pelo menos uma delas não faz perguntas ou se concentra no autor, mas encontra significado apenas no texto. Outro muitas vezes dá conta do autor e dos leitores históricos e antecedentes, mas ainda se concentra no texto, não nas fontes e formas por trás do texto, mas se concentra no texto e em seu funcionamento e em suas técnicas persuasivas e coisas assim, que é conhecido como crítica retórica.

Então, falaremos sobre essas duas abordagens finais centradas no texto e incluí a crítica retórica em uma abordagem centrada no texto e perguntarei o que são e o que fazem e como podem ser úteis ou não para a interpretação bíblica e para a interpretação do texto. do Antigo e do Novo Testamento. A primeira abordagem

centrada no texto que quero examinar é conhecida como estruturalismo e não quero gastar muito tempo discutindo-a por razões que veremos, mas o estruturalismo parece geralmente ter seguido o seu curso e na verdade é foi substituído por um movimento conhecido como pós-estruturalismo, do qual falaremos na próxima sessão, e deu lugar a outros métodos. O estruturalismo em alguns aspectos é difícil de definir, especialmente quando você começa a ler sobre ele.

Parece ser mais uma filosofia ou uma abordagem de um texto do que um método específico ou uma coleção de princípios. E o estruturalismo foi novamente um movimento ou uma abordagem que ia muito além dos textos bíblicos e até mesmo dos textos escritos. Foi utilizado nas ciências humanas e psicologia, sociologia, etc.

Mas teve o seu tempo nos estudos bíblicos e, na verdade, desenvolveu-se bastante cedo, começando em alguns movimentos na década de 1920, mas novamente também acabou por chegar aos estudos bíblicos. De acordo com o estruturalismo, o que é, de acordo com o estruturalismo, a parte mais profunda e importante de uma comunicação, e para os nossos propósitos a comunicação é o texto e mais especificamente o texto do Antigo e do Novo Testamento, a parte mais importante e profunda da comunicação não está no nível superficial de um texto. Assim, quando alguém lê um texto, a parte mais importante dele e a parte mais significativa do significado e da compreensão não está na estrutura superficial do texto, nem no que está na superfície da página, mas, em vez disso, o significado é encontrado na profundidade. estrutura subjacente ao texto.

Portanto, esses dois termos de estrutura superficial e estrutura profunda são frequentemente importantes para o estruturalismo. E simplesmente o que isso significa é que a estrutura superficial seria novamente o que encontro na superfície do texto, as palavras, as construções gramaticais, o que muitas vezes chamaríamos de esboço do texto, como o texto é estruturado e montado. Mas a estrutura

profunda seria a estrutura subjacente profunda que realmente dá origem ao que está na superfície.

E de facto o que o estruturalismo faz então é tentar penetrar por trás da estrutura superficial, o que se encontra no texto, para recuperar as estruturas profundas, os significados mais profundos que deram origem a isso. Uma estrutura profunda que provavelmente nem o autor conhecia. E assim o estruturalismo afastou-se novamente da intenção do autor.

O objetivo principal da interpretação não é descobrir o significado pretendido pelo autor porque as estruturas profundas que criaram a estrutura superficial, as estruturas profundas que determinaram o que o autor escreveu podem não estar disponíveis ou podem nem ser conhecidas pelo autor. Estas estruturas profundas de significado são inerentes ao próprio pensamento humano. E na mente humana.

E assim gera as estruturas superficiais daquilo que muitas vezes associamos ao texto, à gramática, à forma como o texto é montado e organizado em seu contorno. E, novamente, o objetivo é mapear as estruturas profundas que estão logo atrás da estrutura superficial do texto. E o que o estruturalismo faz, muitas vezes funciona com oposições.

Por exemplo entre a luz e as trevas ou o bem ou o mal etc. em seguida, observe brevemente onde foi e por meio de avaliação.

Um exemplo é o estruturalismo, pelo menos alguns que trabalharam com o estruturalismo e o aplicaram ao texto bíblico, muitas vezes usaram um modelo chamado modelo actancial. Isto é, olha para a narrativa particularmente em termos dos activos primários, a estrutura primária que parece ser uma estrutura universal de narrativa que dá origem a todas as diferentes narrativas e às diferentes estruturas

superficiais. Por exemplo, este modelo actancial consiste em seis atores diferentes dentro da narrativa.

E, novamente, não estamos conversando, embora nem sempre funcione assim, eu não acho, mas pelo menos para aqueles que defendem esse modelo, eles não estão falando tanto sobre o que se vê na superfície na ordem da narrativa, mas a estrutura subjacente. Este modelo actancial consistia em seis partes ou seis actantes dentro da narrativa. Número um, havia um remetente.

O primeiro elemento foi que há um remetente na narrativa que funciona para comunicar um objeto a um receptor. Então você tem o remetente que está tentando comunicar um objeto a um destinatário. E então ele faz isso, o emissor comunica esse objeto a um receptor através de um sujeito.

E esse sujeito é auxiliado por certos ajudantes, que seriam a quinta categoria, e combatido por certos oponentes, que é a sua sexta e última categoria. Então você tem esses seis actantes no que é conhecido como modelo actancial, onde você tem um remetente tentando comunicar um objeto a um receptor. E ele faz isso através de um sujeito que é auxiliado por ajudantes e que sofre oposição de oponentes.

E o objetivo então é olhar para a narrativa e como ela segue uma estrutura e ver esta estrutura subjacente por trás das histórias e narrativas. Por exemplo, e isso foi aplicado aos textos do Antigo Testamento e aos textos do Novo Testamento também, foi aplicado às parábolas, veremos um exemplo disso mais tarde, e unidades narrativas menores como as parábolas, histórias menores, mas também inteiras narrativas. Um exemplo intrigante, pelo menos no meu campo de interesse, o livro do Apocalipse, é que o Apocalipse tem sido frequentemente sujeito a este modelo actancial, tentando olhar para os actantes primários, a estrutura primária por trás da narrativa.

Por exemplo, o remetente do Apocalipse, de acordo com uma análise, o remetente do Apocalipse é o próprio Deus. O objeto que ele está tentando comunicar é a salvação ou o julgamento. Os destinatários desse objeto, os destinatários ou os destinatários, seriam a igreja, as sete igrejas às quais se dirige, ou o mundo inteiro.

O sujeito através do qual o remetente tenta comunicar esse objeto, que é a salvação ou o julgamento, o sujeito é Jesus Cristo, que é ajudado pelos anjos, por seres angélicos no texto, e que sofre oposição de vários oponentes, especialmente Satanás no capítulo 12, etc. Às vezes esse modelo desses seis actantes é aplicado a capítulos individuais, outras vezes todo o livro do Apocalipse é analisado de acordo com esse modelo. E, novamente, minha intenção não é necessariamente avaliar isso, embora pudesse ajudar a expor quem são os personagens principais e qual o papel que desempenham na narrativa.

Mas só para dar um exemplo de como os textos bíblicos são por vezes analisados de acordo com o estruturalismo, ou olhando para as estruturas profundas do texto. Agora, como veremos um pouco mais tarde, uma das dificuldades do método é que, às vezes, aqueles que afirmam estar analisando as estruturas profundas parecem estar na verdade analisando o que está na superfície. Mas voltaremos a isso.

Quero falar muito brevemente sobre uma das principais figuras por trás do estruturalismo nos estudos bíblicos, um indivíduo chamado Daniel Potte, PATTE. E a maioria o conhece como aquele que tornou o estruturalismo popular, ou tornou o estruturalismo popular entre os estudiosos norte-americanos nos estudos bíblicos, bem como em outros lugares. Daniel Potte foi influenciado por um movimento chamado estruturalismo francês e produziu uma série de publicações em forma de livro e artigo a partir de meados da década de 1970, onde demonstrou o valor de sua abordagem estrutural à interpretação bíblica, ensinada na Universidade Vanderbilt

no Estados Unidos durante anos, e novamente popularizou entre os estudiosos o estruturalismo como uma abordagem para a compreensão do texto bíblico.

E, novamente, o que ele fez foi Potte sugerir que uma abordagem sincrônica do texto, que consiste em olhar para o texto tal como está, como é, revelará as várias estruturas do texto, as estruturas linguísticas, a estrutura narrativa, o estruturas míticas que fundamentam o primário, o próprio texto, que fundamentam as estruturas do texto. Essas estruturas subjacentes, essas estruturas linguísticas, míticas e narrativas sob o texto são complexas e não necessariamente conhecidas do autor, segundo Potte. Mas são essas estruturas subjacentes que determinam o significado do texto, e não a intenção do autor.

Então, novamente, quando estou lendo um texto bíblico, o objetivo é ser capaz de mapear e descobrir as estruturas subjacentes que deram origem ao que vejo na superfície e que pode ou não estar na mente do autor. Então, mais uma vez, segundo Potte, a intenção do autor não é significativa quando se trata de interpretar um texto bíblico, porque se trata de estruturas das quais o autor pode não ter conhecimento. Assim, por exemplo, Potte frequentemente analisava estruturas narrativas em grande parte de seus escritos e também em seus comentários sobre textos bíblicos.

Ele analisou a narrativa segundo os actantes ou aquele modelo aencial que acabamos de falar, onde você tem um emissor que envia, comunica um objeto a um receptor através de um sujeito. O sujeito é ajudado por ajudantes e combatido por oponentes. Assim, por exemplo, ele analisou o Bom Samaritano de acordo com este modelo.

E, novamente, meu propósito ao fornecer isto não é sugerir concordância com ela, mas demonstrar como uma parábola poderia ser analisada de acordo com a estrutura. Assim, na parábola do Bom Samaritano, aquela história de um viajante

que está a caminho de Jericó, é atacado e atacado por ladrões ou assaltantes, é espancado. O sacerdote e o levita passam e não fazem nada.

Então um samaritano passa e o ajuda, tenta restaurar sua saúde. Potte disse naquela parábola que o receptor da ação era o viajante, a pessoa que estava na estrada. O objeto que o receptor está comunicando é a sua saúde.

O assunto é o samaritano. E o ajudante é a provisão feita para o viajante. E aí os adversários seriam os ladrões, os que o espancaram.

Então alguém poderia perguntar: bem, qual é a implicação de tal análise? Mas neste ponto, quero apenas demonstrar como ele usou esse modelo para entender uma parábola. Ou quando se trata de Jesus e a mulher samaritana, a interação de Jesus com a mulher samaritana em João 4, Potte analisou de acordo com as oposições dentro do texto. Essa é outra parte importante, muitas vezes da análise estrutural e da análise de Daniel Potte, para descobrir a estrutura profunda em termos das oposições que estão no texto.

Assim, por exemplo, ele encontrou na parábola do Bom Samaritano, oposição entre Jesus e a mulher samaritana, oposição entre a identidade de Jesus versus falta de conhecimento de quem era Jesus, oposição entre água espiritual e água literal. E, novamente, a questão é que o significado da narrativa deste texto se encontra na estrutura profunda que está por trás do texto, não na intenção do autor. Agora, uma coisa a ser dita e à qual voltaremos ao fazer uma declaração final sobre esse método é que o estruturalismo, como já indiquei, parece ter seguido seu curso.

A meu ver, não se encontra mais muita coisa, pelo menos não se encontra muito trabalho feito sobre textos bíblicos a partir de uma perspectiva estruturalista, talvez de vez em quando. Mas, novamente, basicamente deu lugar à abordagem que

veremos na próxima sessão, que é o pós-estruturalismo. Portanto, várias observações sobre este método.

Em primeiro lugar, ultrapassamos então o estruturalismo. Nós, novamente, você não ouviu muito sobre isso. Até mesmo Daniel Potte afastou-se do estruturalismo para abordagens mais sociológicas ou culturais para interpretar o texto.

Em segundo lugar, uma das dificuldades que alguns destacaram com o estruturalismo é a natureza complexa do vocabulário e a natureza técnica do vocabulário usado para descrevê-lo. Muitas vezes é preciso dominar um vocabulário, o vocabulário altamente técnico para compreender e utilizar o método. Terceiro, uma observação que já sugeri é que muitas vezes as percepções que o estruturalismo supostamente proporciona baseiam-se mais na estrutura superficial do texto e não tanto na estrutura profunda.

Portanto, há a questão de qual é a relação entre os dois. E, por vezes, alguns dos insights do estruturalismo parecem não ser muito diferentes dos insights que se poderiam obter simplesmente analisando a própria estrutura superficial. Portanto, às vezes não é muito diferente da crítica literária.

Número quatro, deveríamos ignorar a estrutura superficial do texto em favor de uma estrutura profunda subjacente? Novamente, qual é então o propósito da estrutura de superfície? Isso deveria ser ignorado, já que é tudo o que temos? Essa é a única evidência que temos de qualquer tipo de estrutura profunda. Certamente a própria estrutura da superfície não deve ser ignorada. E a quinta é como validamos uma exegese estrutural quando tudo o que temos é o próprio texto? Assim, por algumas destas razões e outras, o estruturalismo já não é realmente um actor importante na hermenêutica.

E, novamente, você não ouve muito sobre isso. Você não vê muita coisa escrita nele, embora ainda tenha alguma influência. E foi um método importante e desempenhou um papel importante historicamente.

Então eu toquei nisso. Mas vou deixar por isso mesmo, porque é basicamente uma abordagem que seguiu seu curso e deu lugar a outras teorias hermenêuticas e abordagens para a interpretação do texto bíblico. Dito isto, quero passar para a última abordagem centrada no texto que irei considerar, que é a crítica retórica.

Como já mencionei, esta não é uma abordagem exclusivamente centrada no texto, na medida em que não coloca necessariamente entre parênteses o autor ou o que é frequentemente chamado de situação retórica. Isso é o que às vezes alguns de nós podemos dizer sobre o contexto histórico que deu origem ao texto bíblico. Portanto, esses itens muitas vezes ainda interessam aos críticos retóricos.

Mas, novamente, uma vez que se concentra no texto como um todo, uma vez que se concentra na estrutura e no funcionamento do texto, coloquei-o aqui. E já agora, tendo em conta o que acabámos de falar, a partir de agora quando falar de estrutura, estarei a referir-me à estrutura superficial do texto. Não a utilizarei da forma técnica como o estruturalismo a utilizou para a estrutura profunda subjacente.

Mas quando falo sobre estrutura, estarei falando sobre como, usando isso para falar sobre como o texto é montado, a estrutura superficial do texto. Assim, como a crítica retórica se concentra no texto como um todo, na estrutura do texto, coloquei-a na categoria de abordagens centradas no texto. Embora, novamente, alguém possa questionar isso.

A principal característica da crítica retórica parece-me ser a análise do texto em termos de texto como meio de persuasão. Analisa o texto do ponto de vista de suas

técnicas de persuasão e de sua capacidade de persuadir o público. As expressões clássicas, pelo menos da retórica antiga, remontam a Aristóteles e outros retóricos gregos e romanos antigos e à forma como eles concebiam a retórica.

E eles nos deixaram muitos escritos que pelo menos nos expõem às suas teorias de retórica e como isso foi feito. E muitos exploraram essas obras em busca do valor que elas têm para tentar lidar também com os aspectos persuasivos das dimensões retóricas dos textos bíblicos. Assim, à luz da crítica retórica, os textos bíblicos são analisados retoricamente ou como são estruturados e reunidos para persuadir e como contêm argumentação persuasiva.

E, novamente, a crítica retórica tem desempenhado um papel significativo tanto na interpretação do Antigo como do Novo Testamento. E veremos, especialmente no Novo Testamento, que há algumas figuras que estão particularmente associadas à análise de documentos do Novo Testamento a partir de uma abordagem quase exclusivamente retórica. Na verdade, existem duas abordagens, especialmente nos estudos do Novo Testamento. Houve duas abordagens para a crítica retórica.

Em primeiro lugar, poder-se-ia simplesmente estudar as técnicas retóricas de um documento, concentrando-se em coisas como estilo, ou figuras de linguagem, ou argumentação retórica, e olhando para unidades retóricas ou novamente estilo retórico ou como a argumentação funciona no texto. Um método ou modelo comum aplicado tanto ao Antigo como ao Novo Testamento incluiria estes passos. Número um, identificar a unidade retórica, isto é simplesmente identificar uma unidade do texto isolando o início e o fim da unidade.

Em segundo lugar, então, coloca-se a questão da função retórica: como funciona esta unidade no seu contexto mais amplo? Mas em terceiro lugar, analisando também o cenário retórico, que é a situação que esta unidade está a abordar e como está a

funcionar, o que está a tentar fazer. E finalmente, analisando o estilo de ensino daquela unidade e coisas como prova e argumentação. Portanto, nesse sentido, a crítica retórica tem sido utilizada de forma bastante ampla para examinar certas seções no que diz respeito às suas técnicas retóricas, à sua função, aos seus meios de argumentação, etc.

E, novamente, você pode encontrar numerosos exemplos disso tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. No entanto, uma segunda abordagem, especialmente nos estudos do Novo Testamento, uma segunda abordagem à crítica retórica realmente pegou, e é a análise de textos do Novo Testamento, sejam grandes seções de textos, especialmente discursos, ou mais particularmente, a análise da literatura epistolar, a cartas e epístolas de Paulo e de outros escritores do Novo Testamento, para analisá-las de acordo com antigos discursos retóricos e antigos padrões de discurso retórico. Geralmente padrões antigos que são discutidos e delineados em alguns dos manuais retóricos antigos, como Aristóteles e escritos por Aristóteles e outros, e então pegar essas categorias e pegar essas formas e padrões de discurso retórico e analisar os documentos do Novo Testamento à luz de que.

Dois indivíduos proeminentes que mais fizeram, pelo menos entre os estudiosos evangélicos especialmente, mas mesmo fora dos estudos evangélicos cristãos, em primeiro lugar foi um indivíduo chamado George Kennedy, que trabalhou muito na literatura clássica greco-romana e foi o primeiro a, um dos primeiros a defender e popularizar a aplicação da retórica greco-romana aos textos do Novo Testamento e a analisar textos como o Sermão da Montanha e outros documentos segundo a retórica greco-romana. Provavelmente o estudioso influente a ser popularizado entre os estudiosos do Novo Testamento, a popularizar as abordagens retóricas dos documentos do Novo Testamento, onde você faria novamente, você levaria não apenas a analisar as figuras de linguagem e os meios persuasivos do texto, algumas das coisas que temos frequentemente associado à crítica retórica, mas pegando

discursos retóricos inteiros dos manuais de texto retórico greco-romano e aplicando-os por atacado ao texto bíblico está Ben Witherington. E Ben Witherington escreveu comentários sobre praticamente todos os documentos do Novo Testamento e a maioria deles, a maioria deles, são rotulados como algo como um comentário retórico social, um comentário retórico social sobre Romanos, um comentário retórico social sobre Gálatas, um comentário retórico social em Filipenses, etc., etc.

Então ele produziu, e alguns outros também, ele tem sido influente na contribuição para a série de comentários retóricos sociais que analisam o texto bíblico à luz das antigas convenções da retórica. Segundo quem analisa discursos, ou seja, discursos especialmente, por exemplo, em Atos, você encontra os discursos de Atos ou mesmo os discursos de Jesus, como o Sermão da Montanha nos Evangelhos, você os encontra analisados muitas vezes de acordo com a retórica técnicas, mas dissemos que as epístolas, especialmente as cartas de Paulo, parecem fornecer muito material frutífero para a aplicação da crítica retórica. Ao fazê-lo, um discurso retórico completo, de acordo com as convenções do primeiro século e anteriores dos padrões de discurso greco-romanos, pode conter a maior parte ou todos os seguintes.

Primeiro, um discurso retórico incluiria o que é conhecido como exortação . Uma exortação simplesmente declara a causa, é uma espécie de introdução, declara a causa, expõe o problema e tenta ganhar a empatia do público e tenta fazer com que o público seja solidário com a pessoa que defende o seu caso. A segunda é o que é conhecido como narratio , que é basicamente uma narrativa ou um relato dos fatos, ou dos antecedentes e dos fatos do caso.

O terceiro é o que é conhecido como propositio , que é basicamente o que é acordado, ou o ponto principal que será discutido, ou o tipo de tese principal que o autor defenderá. Seguido pelo número quatro, probatio . A probatio são as provas e

os argumentos aos quais o autor recorre, e as provas são frequentemente de dois tipos.

No probatio , o probatio é muitas vezes uma seção mais longa que inclui novamente todos os argumentos para as provas da propositio , ou aquilo que a pessoa está tentando defender. Geralmente há dois tipos de provas. Muitas vezes pode-se apelar para um pathos ou emoção, ou pode-se apelar para logos, que é uma espécie de argumentação lógica.

Então você verá no probatio esses dois tipos de argumentação ou provas. Quinto é o que é chamado de refutatio , e esta é uma seção que refuta os argumentos do oponente. E finalmente, o que é conhecido como paroratio , peroratio , uma paroratio , que simplesmente resume o argumento, uma espécie de apelo final por parte do orador.

Portanto, essas seis partes, o exordium, narratio , propositio , probatio , refutatio , paroratio , você encontrará aquelas discutidas na maioria das introduções do Novo Testamento à crítica retórica, ou na maioria das abordagens dentro dos estudos do Novo Testamento à crítica retórica. E, novamente, a maioria ou todos eles podem ser encontrados no documento. E os documentos do Novo Testamento são frequentemente analisados de acordo com esses tipos de categorias.

Outra característica importante da crítica retórica, que parece ser revelada nos antigos manuais retóricos, é que existem três tipos de discursos históricos, de discursos retóricos. E, novamente, você pode encontrar esses três discutidos em praticamente qualquer tratamento de crítica retórica no Novo Testamento. Em primeiro lugar, um discurso retórico poderia ser classificado como judicial.

Ou seja, um discurso retórico judicial defenderia o acerto ou o erro de uma ação passada. E como o nome indica, o cenário para este tipo de discurso retórico era naturalmente o tribunal. Portanto, um tipo de discurso retórico judicial argumentaria que um ato passado foi certo ou errado.

Um segundo tipo de discurso retórico é conhecido como retórica deliberativa. O que a retórica deliberativa fez foi defender, ou tentar persuadir, ou dissuadir o público de um futuro curso de ação. Assim, a retórica judicial centrou-se num acto passado, quer tenha sido certo ou errado.

Um discurso retórico deliberativo é persuadido ou dissuadido o público de tomar parte ou participar de um curso de ação futuro. Então, presumivelmente, um curso de ação que era desejável, o orador estava tentando persuadi-los a se envolver nisso, ou um curso de ação que era indesejável, o autor então os dissuadiria de seguir esse curso. E finalmente, o terceiro tipo de discurso retórico ficou conhecido como Epidíctico, EPIDEÍTICO.

E, novamente, você pode encontrar esses nomes em títulos na maioria dos tratamentos que tratam da crítica retórica do Novo Testamento. A retórica epidítica era basicamente o uso de elogios ou censuras para afirmar um ponto de vista ou para afirmar um conjunto de valores no presente. E assim elogiar ou culpar, usando as técnicas de elogio ou culpa, seja dirigido a uma pessoa, ou novamente a uma crença ou conjunto de valores no presente.

Portanto, esses três tipos de retórica, novamente a retórica judicial, um ato passado, um julgamento sobre se o ato passado está certo ou errado, retórica deliberativa, com foco em persuadir ou dissuadir o público sobre a correção ou incorreção de um curso de ação futuro, e depois a retórica epidítica, afirmando algo no presente. Agora, o ponto de partida, ou um dos marcos mais significativos, eu acho que é a

maneira de dizer, um dos marcos mais significativos para a entrada da crítica retórica nos estudos do Novo Testamento foi um indivíduo chamado Hans Dieter Betz, que escreveu um artigo, ou escreveu um artigo também, mas escreveu um comentário, um comentário significativo em uma série chamada série de comentários de Hermeneia , e nele ele argumentou que Gálatas era uma peça de retórica apologética ou judicial. E assim ele foi um dos primeiros nos estudos do Novo Testamento a analisar uma carta do Novo Testamento de acordo com as técnicas dos discursos retóricos.

E o que ele fez foi pegar essas seis características de um discurso retórico completo, exortação , narração, propositio , provação, etc., e também começando com esses três tipos de retórica, ele concluiu que o livro de Gálatas funcionava principalmente como um livro de Gálatas. peça de retórica apologética ou judicial. Isto é, convencer os leitores da correção ou incorreção de um ato passado. E assim, por exemplo, novamente, você pode pegar seu comentário e ver um tratamento mais detalhado do que ele faz, mas por exemplo, ele viu os capítulos 1, 6 a 11 de Gálatas como a exortação , a parte que estabelece o tipo de causa.

O objetivo é obter uma audiência simpática dos leitores. Então, do capítulo 1, 12 ao capítulo 2, versículo 14, ele rotulou como a narração. E esta é aquela seção de Gálatas, na metade do capítulo 1 até o capítulo 2, onde você encontra Paulo discutindo sua vida antes do Judaísmo e sua interação com os apóstolos de Jerusalém, e particularmente com Pedro em Antioquia.

Então Betz rotulou isso como narração, dando o pano de fundo e os fatos do caso. O capítulo 2, versículos 15 a 21, era então a propositio . Esta foi a tese principal.

Isto é o que foi acordado, a tese principal que será defendida no resto do livro. O número quatro, então o probatio , Betz identificou com o capítulo 3, versículo 1 até o

final do 4. Portanto , os capítulos 3 e 4 eram basicamente uma longa série de provas ou argumentos que Betz viu Paulo usar para estabelecer seu caso. E então, finalmente, ele rotulou os capítulos 5 a 6, ele rotulou como paranasia , isto é, material de esforço , que realmente não se encaixa nesse tipo de padrão de discurso retórico.

Mas ele viu os dois últimos capítulos como paranásia ou tipo de material de comando e esforço . Agora, muitos reagiram a Betz e sugeriram que Gálatas não é realmente uma apologética. Quero dizer, você olha para os dois últimos capítulos e Paulo certamente está persuadindo seus leitores a obedecer, a obedecer.

E quando você lê Gálatas, ele está tentando dissuadi-los de tomar o curso de ação que os judaizantes estão perpetrando e persuadi-los a viver a vida no espírito. Então , por essa razão, mais recentemente, aqueles que analisaram Gálatas, por exemplo, a partir de uma perspectiva retórica, analisaram-no como uma peça de retórica deliberativa. E mesmo alguns combinaram-na para sugerir que ela tem características de retórica apologética e deliberativa.

Por exemplo, Ben Witherington, em seu comentário sobre Gálatas, argumenta que Gálatas é uma peça de retórica deliberativa. E ele também analisa de acordo com as mesmas categorias de exortação e proporção próxima. Embora seja interessante quando você compara Betz e Witherington, e até mesmo outros que analisaram Gálatas, às vezes eles diferem significativamente quanto ao local onde dividem o texto, ou quais seções pertencem à propositio , ou que seção pertence a isto ou aquilo.

Mas a questão é que Gálatas forneceu uma espécie de campo frutífero para a aplicação de abordagens retóricas às epístolas do Novo Testamento. Mas outras cartas do Novo Testamento, como já disse, também foram sujeitas a críticas

retóricas. Por exemplo, e muitos deles foram, Ben Witherington contribuiu com comentários, mas outros também.

O Livro de Romanos, o Livro de Efésios foi analisado de acordo com a retórica greco-romana, o Livro de Filipenses foi analisado por vários estudiosos, o Livro de Judas e outros foram sujeitos à análise retórica, provavelmente com vários, vários sucessos. . Então, o que deveríamos dizer sobre a crítica retórica, a título de avaliação? Em primeiro lugar, quando se trata de crítica retórica, o valor é que a crítica retórica faz duas coisas, penso eu. Primeiro, pode esclarecer a função de diferentes seções de um discurso, de uma carta ou de um texto profético, por exemplo.

Quando certos textos ou certas seções de texto funcionam de forma semelhante a seções de um discurso retórico, esse tipo retórico completo de análise do texto bíblico pode lançar luz sobre a função de várias seções, quando parece haver realmente uma analogia e parece haver ser um ajuste na maneira como eles funcionam. No entanto, uma segunda razão é que a crítica retórica também concentra mais a nossa atenção na argumentação e na persuasão. É um lembrete de que Gálatas não é primariamente um documento teológico ou um tratado teológico.

A intenção principal de Paulo não é comunicar dados teológicos ou verdades teológicas, embora o faça, embora seja um documento teológico profundo, mas é a teologia a serviço de persuadir os leitores a adotar um certo curso de ação. Assim, a crítica retórica pode ajudar-nos a ver os documentos de acordo com a sua verdadeira intenção, como persuadir os leitores a adoptar um determinado ponto de vista, persuadir os leitores a seguirem um determinado curso de acção, em vez de simplesmente vê-los como recipientes de verdade teológica ou como suporte. para um sistema teológico. Novamente, embora sejam profundamente teológicas, são teologia a serviço da intenção pastoral de Paulo de persuadir o leitor.

Então, isso captura a intenção pastoral e a função das cartas do Novo Testamento. Um terceiro valor, obviamente, é o foco da crítica retórica em todo o texto e no texto como um todo, em vez de particioná-lo em diferentes fontes e formas. A crítica retórica nos ajuda a focar no texto inteiro e em como ele funciona e como funciona.

Embora, na minha opinião, ainda haja uma série de limitações para uma abordagem retórica. Em primeiro lugar, um dos perigos é forçar uma construção no texto, quer se trate de abordagens retóricas mais modernas ou mesmo de pegar nos antigos discursos retóricos e agora forçá-los num texto literário. Voltaremos a esse novamente.

Mas, por exemplo, muitas vezes tenho a impressão de ler os comentários de Ben Witherington e outras abordagens retóricas, de todo o valor dessa abordagem e de alguns dos insights úteis, às vezes o que você encontrará é quando se trata de tentar lidar com um problema problemático texto ou versículo, eles muitas vezes examinam uma série de interpretações, mas depois optam por uma interpretação que considero ter menos apoio, mas que parece se adequar ao tipo de retórica, seja esta uma exortação, uma probatio ou uma propositio. Com base no que sabemos sobre essas categorias, muitas vezes eles escolhem a interpretação que melhor se adapta. Portanto, Witherington dirá algo como: Paulo lida com esta questão porque esta não era uma questão comum de se lidar na retórica deliberativa ou algo parecido, embora possa haver uma explicação mais adequada para o porquê de Paulo ter tratado desta questão.

Ou este texto significa isto porque é isso que teria feito num discurso retórico, num discurso epidítico, embora pudesse haver uma explicação e interpretação mais adequada desse texto. Portanto, ele assume uma forma de discurso retórico e muitas vezes interpreta os dados à luz disso, às vezes de maneiras que pelo menos alguns exemplos que vi poderiam ser explicados de forma mais clara e melhor por

meios diferentes. O segundo, mais ou menos relacionado a isso, é a crítica retórica, e mais uma vez estou falando principalmente sobre o segundo método que consiste em aplicar padrões inteiros de discurso retórico a grandes seções do texto bíblico, seja um discurso ou novamente epístolas inteiras, por exemplo.

Para mim, os padrões de discurso retórico parecem ignorar as indicações formais claras do próprio texto do gênero literário. Isto é, na minha opinião, a interpretação de um texto e a identificação do texto devem começar pelos critérios formais do próprio texto. E uma das dificuldades que penso com a crítica retórica é que não há controles formais ou indicadores formais sobre onde está a exortação e como posso saber se isso é deliberativo, como posso saber se isso é epidítico, onde estão os indicadores formais que mostre aqui está a exortação , agora passei para o probatio ou paratio ou narratio .

A maioria dos julgamentos, penso eu, simplesmente resulta de possíveis analogias e funções similares entre as seções. Mas parece haver uma falta de indicadores formais claros, na minha opinião, que demonstrem que você tem uma exortium e depois uma narratio e uma propositio e uma probatio , etc., etc. e mesmo o livro de Gálatas, os principais indicadores formais, o único formal que é gramatical e a fórmula diferente que se encontra numa carta, os únicos indicadores são que Paulo está escrevendo uma carta do primeiro século, algo que se assemelha a uma carta do primeiro século ou epístola do primeiro século.

Novamente, não creio que queira ir tão longe e dizer que Paulo não foi influenciado pelos padrões de discurso retórico greco-romano. Não quero dizer que ele não sabia disso, embora esse seja um debate que interfere nisso. Até que ponto foi a educação e educação de Paulo, até que ponto isso teria incluído instrução e prática na retórica greco-romana? Esse é um debate contínuo e tem influência nisso, mas ainda assim,

quando olhamos para as cartas do Novo Testamento, parece que a única pista formal que encontramos é que Paulo está escrevendo uma carta do primeiro século.

Isso inclui a típica abertura epistolar. Voltaremos a isso quando chegarmos à crítica de gênero em uma sessão subsequente, mas quando olhamos para Gálatas, por exemplo, o que encontramos são convenções epistolares típicas, e isso é verdade em todas as cartas de Paulo. Eles terão uma maneira típica de abrir uma epístola, Paulo, o Apóstolo Jesus Cristo para alguém, saudações e, em seguida, geralmente passar para uma ação de graças, embora isso esteja faltando em Gálatas e, novamente, às vezes, naqueles que o analisam do ponto de vista retórico. as críticas dizem que é por se tratar de um discurso deliberativo, por convenções retóricas, que falta o agradecimento.

há outras razões pelas quais a ação de graças está faltando aqui, mas, novamente, além disso, você encontra uma fórmula muito típica de uma epístola do primeiro século. Por exemplo, quando você lê, deixe-me ler apenas uma seção, deixe-me ler apenas uma seção do capítulo 4 de Gálatas, e a razão pela qual farei isso é que este é um exemplo de onde aqueles que analisam o texto de acordo com penso que as técnicas retóricas muitas vezes são ignoradas e ignoram os indicadores formais claros. Por exemplo, o capítulo 4 de Gálatas costuma ser visto apenas como parte do probatio de Paulo , ou seja, é apenas a sua prova, a sua argumentação, mas o que é interessante é um início do versículo 8. Formalmente, quando você não conhecia a Deus, você eram escravos daqueles que por natureza não são deuses, mas agora que você conhece a Deus, ou melhor, é conhecido por Deus, como é que você está voltando para esses princípios fracos e miseráveis? Você não deseja ser escravizado por eles novamente? Você está observando dias, meses, estações e anos especiais.

Temo por você que de alguma forma eu tenha desperdiçado meus esforços com você. Eu imploro a vocês, irmãos, tornem-se como eu. Você não me fez mal.

Como vocês sabem, foi por causa de uma doença que preguei o evangelho para vocês pela primeira vez. Vou parar por aí, mas a única coisa interessante sobre esta seção que não é necessariamente revelada na leitura de uma tradução em inglês é que ela inclui algumas fórmulas significativas que sugerem que Paulo fez uma ligeira mudança aqui e começou uma nova unidade para uma seção de solicitação da carta. Portanto, isto não é um probatio , uma série de provas, isto é agora uma seção de solicitação, e ele na verdade acumula três ou mais fórmulas típicas do tipo epistolar que você teria encontrado em cartas do primeiro século para indicar que algo diferente está acontecendo.

Esta é uma espécie de nova seção ou novo foco na carta ou algo parecido, mas meu objetivo é simplesmente analisar este capítulo quatro como um probatio , uma série de provas em um discurso retórico, que ignora uma série de características formais importantes que sugerem que Paulo está seguindo principalmente o formato da carta do primeiro século. E, novamente, estou convencido de que as pistas primárias que devem nos guiar na leitura devem ser as formais, o que o texto indica que está fazendo. E se a crítica retórica nos ajuda a compreender isso, muito bem, mas forçar um padrão de discurso retórico num texto e ignorar as características formais claras parece-me problemático.

Uma terceira e relacionada com esta é a questão de saber se as letras nos discursos retóricos poderiam alguma vez ser misturadas. Mesmo que Paulo tivesse educação e estivesse ciente desses padrões de discurso retórico, o que ele pode ter sido, alguns estudiosos ainda questionam se os padrões de discurso retórico, epístolas e cartas alguma vez foram misturados. Por causa disso, a minha conclusão é que devemos usar a crítica retórica com cautela.

E, mais importante ainda, penso que deveríamos evitar a aplicação generalizada de padrões de discurso inteiros aos textos bíblicos, particularmente às cartas do Novo Testamento. A crítica retórica, novamente, pode ser útil para nos ajudar nas técnicas persuasivas, concentrando-se na argumentação e em algumas das técnicas que Paulo pode ter usado. Às vezes, a análise retórica usando discursos inteiros pode nos ajudar a ver a função do texto e como ele funciona.

Mas, ao mesmo tempo, penso que precisamos de ser cautelosos ao pegar discursos retóricos inteiros e forçá-los a textos bíblicos e analisar o texto principalmente em conjunto com esses padrões de discurso retórico. Isso nos leva ao fim das abordagens de interpretação centradas no texto e das abordagens que enfocam o texto como o locus primário de significado. O texto é o que determina o sentido, sejam as abordagens literárias ou a crítica narrativa, o estruturalismo que dissemos ter seguido o seu curso, e a crítica retórica, que sem colocar entre colchetes o autor ou o contexto histórico, ainda se concentra no texto e no texto como um todo .

Uma das dificuldades das abordagens centradas no texto é que as abordagens centradas no texto ainda pareciam não produzir nenhum significado objetivo no texto. E assim as abordagens centradas no texto logo deram lugar, histórica e logicamente, à terceira faceta do modelo de comunicação, que são os leitores. As abordagens centradas no leitor, isto é, olhar para o significado diante do texto e encontrar o locus do significado no leitor, logo se tornaram proeminentes.

E hoje, o estruturalismo basicamente deu lugar ao que é conhecido como pós-estruturalismo, que inclui uma variedade de abordagens, incluindo e focando em abordagens centradas no leitor, no fato de que são os leitores que dão sentido ao texto. Então, na próxima sessão, mudaremos nosso foco e examinaremos, particularmente as abordagens centradas no leitor, e também passaremos a falar um pouco sobre o desconstrucionismo e algumas outras abordagens que se enquadram

em métodos que focam no leitor e o significado reside no leitor e não no texto ou no autor.